

O trabalho e o nosso trabalho no Poli

Vamos conversar sobre isso?

Poucas questões nos afligem tanto hoje como nosso trabalho. Esse problema não é apenas nosso, está presente no mundo todo, mas em nosso país, sobretudo nos últimos dois anos, essa crise se apresenta de forma mais grave e já soma, segundo o IBGE, mais de 13 milhões de desempregados e mais de 20 milhões segundo estimativas menos conservadoras. A reforma trabalhista ganha corpo e ameaça conquistas históricas dos trabalhadores. Além do desemprego, a terceirização se amplia de forma dramática. A seguridade social está prestes a ser dilapidada. As formas precarizadas de trabalho e as condições em que é exercido vêm fragilizando os trabalhadores e suas possibilidades de representação e luta.

Trata-se de uma crise cuja extensão e conseqüências ainda nos esforçamos para compreender. É certo que suas repercussões recaem, sobretudo, nos ombros daqueles cuja inserção de classe reduz as chances de acesso a uma escolarização de qualidade e as possibilidades de competição e inserção no mercado de trabalho. Tudo isso se dá às custas da segurança material e psicológica dos trabalhadores.

A EPSJV é um dos espaços de resistência e discussão crítica dessas questões. Nosso portal, nossas aulas, nossas pesquisas e publicações são reflexo desse engajamento acadêmico e político. Sabemos bastante sobre os trabalhadores do SUS, **mas conhecemos de fato os trabalhadores da nossa escola? Conhecemos suas trajetórias de vida, suas aspirações, seus projetos? Talvez saibamos pouco. Queremos conhecer mais.**

Lembramos da fala da Sara na assembléia do dia 18 de abril tratando da dificuldade de se expor e perder o emprego. Sara mencionou o sentimento de invisibilidade que afeta os trabalhadores terceirizados encarregados da limpeza da escola. Ela vocaliza a vulnerabilidade, o isolamento de trabalhadores que acompanham a terceirização: os trabalhadores se tornam cada vez menos visíveis e fragmentados. Assim, não é difícil entender que, ao mesmo tempo em que cresce o

recurso à subcontratação que faz com que o trabalho desapareça “da superfície visível”, “menos se conhecem as condições em que ocorrem as relações de trabalho. Ou seja, cada vez mais escuridão recai sobre o trabalho.

A valorização e o reconhecimento dos trabalhadores devem ser dimensões centrais dos coletivos de trabalho e da gestão institucional. O processo de trabalho não é apenas espaço de produção de bens ou serviços, mas também de construção e expressão da subjetividade/intersubjetividade dos trabalhadores. O trabalho, seu lugar na sociedade e o sentido que lhe é atribuído continua sendo uma dimensão central da constituição do sujeito.

Temos a convicção de que os trabalhadores dedicam-se a refletir sobre sua vida e seu trabalho, sobre suas condições de qualificação e inserção profissional. **Os trabalhadores se esforçam para fazer o melhor e esperam ser reconhecidos.** O reconhecimento não é uma reivindicação secundária daqueles que trabalham, mas é decisivo na mobilização para o trabalho. **Quando a qualidade do trabalho é reconhecida, a atividade produtiva adquire sentido,** tornando o reconhecimento um elemento fundamental no plano da construção da subjetividade do trabalhador que se transforma a partir dele.

Tudo isso nos leva a afirmar que os projetos institucionais de organização do trabalho e qualificação dos trabalhadores devem se aproximar de seus interesses, necessidades, dificuldades e aspirações. **Cabe à gestão do trabalho reconhecê-los e acolhe-los como parte de um processo que é construído no cotidiano da escola.** Construir Unidade Poli é condição para assegurar crescimento com respeito às diferenças. Crescer assim implica acompanhar os grupos de trabalho, conjugar autonomia com compromisso público, **cuidar da regulação do trabalho, da jornada, da divisão do trabalho, dos processos de qualificação e dos percursos profissionais.** Além da administração de RH, necessitamos de uma gestão do trabalho com condições de ser criativa e orgânica ao projeto da Escola Politécnica que queremos ser. Só assim poderemos construir processos de gestão coerentes com nossa perspectiva crítica de compreensão do mundo em que estamos e fazer história questionando o existente.

Vamos cuidar então dos sentidos do trabalho no Poli. Para isso queremos conversar sobre nosso trabalho aqui.

- Como a crise do trabalho no país nos afeta?
- Como nos sentimos trabalhando no Poli?
- Como chegamos aqui?
- Quais as nossas aspirações?
- Como repensamos a construção de uma avaliação de desempenho que deixe de ser burocrática e quantitativa e que tenha como centro o projeto institucional e a qualidade das nossas práticas?
- Como nos envolvermos no planejamento institucional de forma mais viva e orgânica?
- Como recebemos nossos trabalhadores, como tratamos as questões relativas à movimentação de servidor?
- Como dar conta das necessidades de qualificação dos nossos trabalhadores sem prejuízos ao trabalho e sobrecargas?
- E como cuidamos dos nossos trabalhadores?
- Como elaboramos uma política para qualificação que inclua os terceirizados?
- Experimentamos desencontros entre formação e inserção profissional? como tratar disso?
- Como promover maior integração entre diferentes grupos de trabalhadores como os da biblioteca, secretaria escolar, limpeza, manutenção, administração, informática, apoios, coordenações e laboratórios?
- Como incorporar todos os trabalhadores no planejamento e realização de alguns encontros formativos?

Unidade Poli

MARISE RAMOS